



## A (RE)-IMIGRAÇÃO JAPONESA NO BRASIL: RASTROS NA PARAÍBA (1938-1958)

*Virginia Regis de Barros Correia Kyotoku*  
Faculdades Integradas De Patos (PB)

No ano de 2008, comemorou-se um século do início da emigração japonesa para o Brasil. O que era motivo de tristeza por ter que abandonar seu país foi comemorado com festas pela comunidade japonesa do Brasil, por lograr êxito nesta tão difícil empreitada. A imigração, inicialmente, foi em maior número para o Estado de São Paulo e, em menor número, para os demais Estados do Brasil. Todavia, nem todos permaneceram no local de destinação inicial. Parte deles realizou uma nova migração na busca de um lugar que melhor satisfizesse as suas aspirações, por iniciativa própria ou por convite de outros interessados.

Assim, a presença japonesa se deu em quase todos os estados brasileiros, em uns mais em outros menos, segundo indicam as pesquisas que têm se debruçado sobre o tema da imigração japonesa no Brasil. No caso da Paraíba, os estudos têm demonstrado que ela foi bem pequena e iniciada em 1920 com um único re-imigrante, Sr. Eiji Kumamoto, vindo de São Paulo, que se estabeleceu na cidade de Princesa Isabel, zona do sertão paraibano<sup>1</sup>. No entanto, não pretendo me deter sobre a vinda deste solitário imigrante porque não faz parte da temporalidade a que me proponho aqui.

Utilizei a metodologia da História oral para acercar-me da experiência individual e obter informações sobre a história da comunidade japonesa. Não foi minha intenção realizar a biografia de nenhum deles. Contudo, como diz Alberti (2006, p.171) “[...] Ao contar suas experiências, o entrevistado transforma o que foi vivenciado em linguagem, selecionando e organizando os acontecimentos de acordo com determinado sentido [...]”.

Orientada por esta perspectiva metodológica, também, procurei apreender, mesmo que parcialmente, a História da re-imigração japonesa na Paraíba. Defini como recorte temporal e espacial da pesquisa os anos de 1938-1958. O marco inicial – 1938 – foi quando chegaram cinco famílias de re-imigrantes japoneses oriundas de Tomé-Açu no Pará e 1958 porque, naquele ano, chegam os primeiros imigrantes diretamente do Japão para a pesca da baleia na Paraíba. A relevância social desta pesquisa se justifica pelo fato de não ter encontrado, até o momento, nenhum trabalho de caráter acadêmico acerca do tema. Além disso, o “silenciamento” da história da re-imigração japonesa na Paraíba por parte da historiografia

paraibana me animou na realização da tarefa de dar vida a esta história que começa a ser contada e que, certamente, não pretende ser definitiva e nem conclusiva, mas fomentar trabalhos de pesquisa futuros.

A bibliografia que tenho encontrado sobre imigração japonesa em outros estados brasileiros para discutir o tema a que me proponho, aborda questões relativas às identidades dos grupos imigrantes, aspectos econômicos das atividades desenvolvidas por eles, questões relativas ao preconceito e às perseguições vivenciadas em vários momentos de sua história no Brasil.

Nos livros comemorativos da migração japonesa no Brasil, notam-se vagos relatos referentes à presença de japoneses no Nordeste. A Paraíba acolheu uns poucos re-imigrantes e de forma espaçada temporalmente conforme relatos colhidos entre a comunidade nipônica paraibana.

É importante salientar que boa parte das problematizações da pesquisa foi motivada pela primeira entrevista que fiz com o Sr. Toshio Adachi sobre a presença de japoneses na Paraíba. Posso dizer que ele foi o *narrador*, como diz Walter Benjamin: “o narrador colhe o que narra na experiência, própria ou relatada. E transforma isso outra vez em experiência dos que ouvem sua história” (1980, pág. 60). O Sr. Adachi, membro mais velho da comunidade japonesa da Paraíba, assim procedeu, ele reteve em sua memória os relatos sobre seus patrícios, obtidas tanto pelos próprios como por outrem além da sua própria vivência no Brasil. E agora teve o maior empenho em contar a essa história, possibilitando o registro escrito. Baseada na memória deste remanescente que chegou em João Pessoa em 1959, comecei a traçar o desenho de minha pesquisa que foi sendo complementada pelos documentos consultados no Arquivo Público do Estado da Paraíba (FUNESC), Arquivo Casa de José Américo, Instituto Histórico e Geográfico Paraibano (IHGP) e Arquivo do Jornal A União, todos localizados na cidade de João Pessoa.

Nos documentos do governo do Estado da Paraíba, localizados no Arquivo Público da Fundação Espaço Cultural (FUNESC), encontrei a informação de que na administração do Interventor Argemiro de Figueiredo foram assentadas cinco famílias para desenvolver a agricultura<sup>2</sup>.

Estas famílias vieram de Tomé-Açu (Pará) em 1938 no total de 27 pessoas, conforme declaração do chefe de uma das famílias, o sr. Hajime: “A nossa colônia no Pará distava a mais de quatrocentos quilômetros da capital. Vivíamos localizados em Acará (hoje Tomé-Açu), região onde o problema principal é o impaludismo”<sup>3</sup> (Ver figura 1). A chegada deles foi noticiada pelo Jornal A União em edição do dia 29/09/1938<sup>4</sup>:

Procedente de Belém do Pará deu entrada anteontem, em Cabedelo, o vapor Afonso Pena”, do Loide Brasileiro, conduzindo as famílias japonesas contratadas para iniciar, na “Fazenda São Rafael”, a cultura científica de hortaliças. Essas famílias, que são em número de cinco, se compõem de vinte e sete pessoas, estando todas instaladas, com relativo conforto, nas casas que, para esse fim, foram construídas naquela propriedade do Estado. Cada família dispõe, no mínimo, de oito hectares de terra para o seu mister, dedicando-se todas especialmente ao cultivo de hortaliças.

Os documentos identificados anteriormente vêm corroborar com o depoimento de Sr. Toshio Adachi, membro da Associação Cultural Brasil – Japão da Paraíba. As cinco famílias eram lideradas por Hajime Tsuchiya, Shingo Watanabe, Yonetaro Ima, Mitsuji Kuriyama e Chisato Kawano.



**Figura 1 - Reportagem publicada em 30 de setembro de 1938, notificando a chegada dos colonos japoneses.**

**Fonte: Jornal do Estado A União**

Havia desde algum tempo, na esfera do governo paraibano, a compreensão sobre a necessidade de diversificar a produção agrícola, fugindo do estado de quase monocultura, sendo o algodão a cultura principal, conforme relatório do interventor da Paraíba Gratuliano de Brito (1934, p. 86)<sup>5</sup>. Por esta época, foi criada a Diretoria de Produção pelo decreto 583, de 16 de outubro de 1934, subordinada à Secretaria de Agricultura do Estado da Paraíba e, por exigência de caráter técnico e administrativo, reorganizada pelo decreto 1.117, de 12 de setembro de 1938, passando a denominar-se Diretoria de Fomento da Produção<sup>6</sup>. E foi por

iniciativa da Secretaria da Agricultura de acordo com o plano de racionalização agrária que vem sendo levado a efeito pelo Governo Argemiro de Figueiredo [...] A cultura científica de hortaliças, dentro do plano de racionalização agrícola do governo Argemiro de Figueiredo, é o objetivo principal das atividades dos 27 colonos ali localizados – Por ato de ontem do Sr. Interventor Federal interino, foi criada na Fazenda São Rafael, uma cadeia rudimentar mista – A UNIÃO visitou ontem o primeiro núcleo colonial organizado na Paraíba.[...] . Iniciando ali o seu trabalho os colonos irão desenvolver, especialmente, a cultura de hortaliças estendendo-se ainda ao cultivo do arroz, feijão, batata, cana, etc.<sup>7</sup>

Através do jornal Oficial do Estado da Paraíba, A União, na época, o público acompanhava o desenrolar dos planos do governo estadual. Certamente, os políticos paraibanos já haviam tomado conhecimento das atividades desenvolvidas pelos japoneses em São Paulo. Completaram-se 30 anos da chegada do navio Kasato Maru com os primeiros imigrantes que, apesar das ondas contrárias à permissão de imigração dos japoneses, esta era fato e a população de São Paulo estava sentindo os efeitos positivos. Embora estes agricultores nipônicos tivessem vindo para trabalhar nas fazendas de café paulistas, por diversos motivos que não vem ao caso descrevê-los, muitos deles não permaneceram nos cafezais. Desde cedo batalharam para conseguir uma terra própria e desenvolver outras agriculturas. O cultivo de hortaliças foi uma dessas culturas.

O governo da Paraíba viu nisso a oportunidade de oferecer à sua população uma melhoria nos hábitos alimentares. Editoriais explicavam o lado positivo dessa mudança. O então Secretário de Agricultura da Paraíba, Dr. Lauro Montenegro, em um artigo publicado no jornal A União, escrevia: “[...] Ninguém mais ignora o papel relevante das vitaminas no fortalecimento do organismo humano. E as hortaliças são um dos veículos mais apreciáveis desses elementos de tão grande preponderância na nossa saúde [...]”<sup>8</sup>.

Para o secretário de Agricultura da Paraíba, Sr. Montenegro, cultivar hortaliças não era um trabalho simples, carecia de “práticas especiais e mesmo uma certa arte” e este domínio os japoneses detinham e “conquistaram um renome universal”. Ele estava interessado também em que os lavradores nacionais adquirissem estes conhecimentos.

É pensamento do Governo colocar, alternadamente, famílias japonesas e brasileiras de maneira que estas, com seu fácil poder de assimilação, se apropriem, em curto prazo dos processos de cultura de hortaliças postos em prática pelas primeiras<sup>9</sup>.

Após sessenta dias da chegada destes colonos, os seus produtos agrícolas já estavam no mercado Tambiá, conforme declara uma reportagem do Jornal A União datada de 11 de dezembro de 1938<sup>10</sup>.

Nessa época, a atual cidade de João Pessoa, se concentrava em volta do núcleo inicial. Fundada no século XVI, à margem direita do Rio Sanhauá, segundo Lavieri e Lavieri (1999, p. 39) em 1855, o comércio ocupava a parte baixa da cidade e nos lugares mais altos foram se fixando algumas residências e órgãos administrativos, religiosos e culturais. Após esse período, é que a cidade foi se estendendo em direção ao litoral e ao sul. O acesso ao litoral, aberto em 1933, deu lugar a construção, na praia, de uma vila de pescadores e se transformou em região de veraneio. Esta mesma via, chamada de Avenida Epitácio Pessoa, foi pavimentada na década de 1950 possibilitando a instalação do bairro de Miramar onde se fixaram várias pessoas de bom poder aquisitivo.

A Fazenda São Rafael, onde foram fixados os colonos japoneses, ficava a 3 km do núcleo habitado de João Pessoa, em terras do Patrimônio do Estado, numa localidade situada depois do bairro Miramar. No ano de 1938, a Fazenda São Rafael foi transformada, pela Secretaria de Agricultura do Estado da Paraíba, em Estação Experimental do Litoral, local onde foram construídos aviário, apiário e coelheira, assim como o horto de plantas florestais e de fruteiras. O Sr. Toshio Adachi, numa entrevista concedida à autora em sua residência em João Pessoa-PB no dia 15 de março de 2009, descreveu o local como “onde tem rio Jaguaribe [...]. Lá em cima tem barragem, então essa água era para beber. E japonês entrou ai em baixo, no paul, uma colônia muito pequena”.

Com a expansão da cidade de João Pessoa, o espaço ocupado pela Fazenda São Rafael foi urbanizado e hoje é o bairro Castelo Branco e a comunidade São Rafael, um lugar habitado por famílias de baixa renda.

Antes mesmo de ser urbanizada, a colônia da Fazenda São Rafael, como núcleo agrícola de japoneses, não durou muito tempo. Em dezembro de 1941, o Japão atacou Pearl Harbor, ilha havaiana pertencente aos Estados Unidos da América, oficializando sua entrada no conflito mundial. O Brasil, então aliado dos Estados Unidos, rompeu as relações diplomáticas com o Japão, dando início às perseguições dos japoneses no Brasil. O jornal do Estado A União, que até então vinha apoiando a formação de uma colônia desenvolvida por japoneses, mudou a sua postura e passou a noticiar as possibilidades de sabotagem por esses colonos. Os editoriais, agora sob o título de “Os Amarelos” ou “O Perigo Amarelo”,

chamavam a atenção para o perigo em se ter esta colônia próxima à cidade de João Pessoa e apoiou o governo quando o mesmo resolveu retirar os nipônicos da “Fazenda São Rafael”.

A mando do interventor Ruy Carneiro, a polícia confinou os japoneses em 13 de março de 1942 em uma incipiente colônia agrícola em Camaratuba, localizada, então, no município de Mamanguape, divisa com o Rio Grande do Norte, conforme noticia o Jornal A União<sup>11</sup>. Esta ação de retirada dos imigrantes da área litorânea, na Paraíba, que contava com apenas 27 colonos, se antecipa, ao mesmo fato, ao Estado do Paraná em 25 de setembro de 1942 e ao Estado de São Paulo em 8 de julho de 1943 (KIMURA, 2006).



**Figura 2 - Reportagem publicada em 13 de março de 1942.  
Fonte: Jornal do Estado A União.**

A situação dos colonos japoneses em Camaratuba não lhes era favorável, e eles se viram abandonados, tendo em vista o documento<sup>12</sup>, transcrito a seguir, enviado pelos mesmos japoneses ao Interventor Ruy Carneiro protestando contra a situação em que se encontravam.

Ex<sup>mo</sup> Snr. Interventor

Temos a máxima satisfação di comunicar a V.Ex. que em dose de Março nos tivemos comunicado da deflagração da guerra, por isso mandaram recolher a todos nos em Camaratuba. Onde continuamos já fasem cincoenta dias depois que aqui estamos, desde esse tempo nós pasemos a vida sem ganhar um tostão por conseguinte o dinheiro que nos trosemos já acabamos tudo, assim d'aqui endiante nós não podemos passar a vida, portanto nós todos estamos com muito anciedade. Queira fazer com bondoza de V.Ex. a emprestar ao menos comida. Quando nós trabalhava na nossa orta nós viviam rendendo das prantas mais aqui não tem rendimento de nada por esta razão estamos com muito dificuldade de viver. Queira V.Ex. compreender esta nossa cuitação de condições e atender o nosso desejo, e ficaremos contentes pela justiça de V. Ex.

Rugo a V.Ex mandar informar dos que deixamos ai constante de cento e dez gallinhas e gallo e quarenta e sete pintos e uma égua com um poltro.

Camaratuba 30 de Abril de 1942.

Chissato Kawano (Chisato Kawano)

Hazine Tanahijo (Hajime Tsuchiya)

Shingo Watanabe (Shingo Watanabe)

Mihidi Kossiyama (Mitsuji Kuriyama)

Yonetaro Kom (Yonetaro Ima)<sup>13</sup>

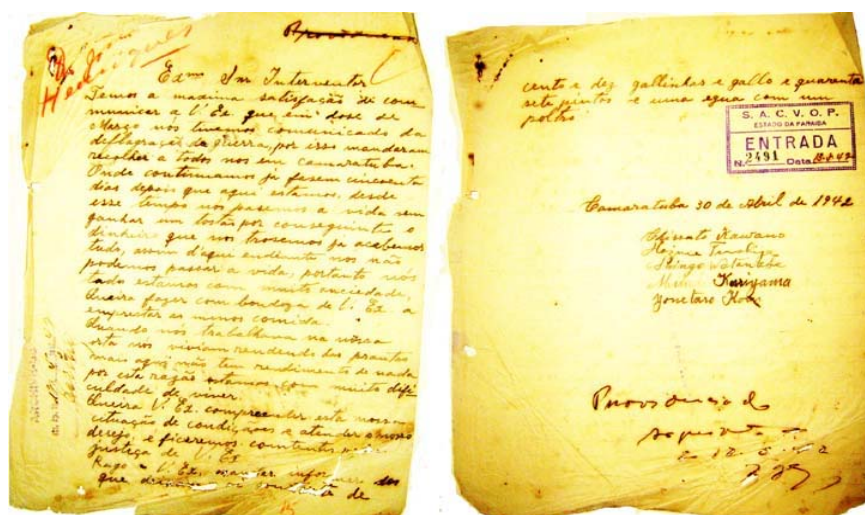


Figura 3 - Carta assinada pelos cinco japoneses ao governo da Paraíba.

Fonte: Arquivo da FUNESC.

Como se lê neste documento, apesar do confinamento em que viviam e das inúmeras necessidades que passavam em Camaratuba, preocupavam-se com os animais que deixaram na Fazenda, pensando talvez, que regressariam para lá. Contudo, segundo o Sr. Toshio Adachi, após a guerra, os japoneses retornaram para a fazenda, mas não puderam recuperar suas antigas residências porque nelas já moravam outras pessoas. Acreditaram que os brasileiros as haviam invadido. Ao serem transferidos para Camaratuba, não lhes informaram que suas casas seriam entregues para os lavradores nacionais. Depois deste episódio, os “rastros” da história destes primeiros colonos foram apagados.

Na década de 1950, a Paraíba recebe outros imigrantes nipônicos. Não da mesma forma organizada, como foi em 1938, apesar das tentativas do então governador da Paraíba, José Américo de Almeida. Sobre esse assunto, localizei uma carta assinada por Francisco Hidome Nakano<sup>14</sup> do Ministério da Agricultura do Brasil ao Governador da Paraíba em que esclarece ao governo as normas de imigração e localização permanente de japoneses na Paraíba.



Em entrevista com o Sr. Toshio Adachi pude recolher outras informações sobre o mesmo tema:

[...] neste governo, o de José Américo, houve tentativa de articular outra colônia. Mas não teve sucesso em trazer as famílias. Acho que ninguém quis, ele trouxe o Sr. Ono. Diz que logo depois terminou mandato, agora ele saiu do mandato entrou novo governador, ele não se interessou. Aí abandonaram Ono-San. Aí para Ono-San não morrer de fome foi plantar batata no paul, [...]

A própria família Adachi, composta por pai<sup>15</sup>, mãe, três homens e uma mulher, sendo um dos homens casado, emigrou do Japão, da província de Yamagata, em 1955 com destino para Tomé-Açu no Pará para trabalhar no cultivo da pimenta-do-reino. Segundo o Sr. Toshio Adachi, neste período

[...] pimenta-do-reino estava muito barato. Porque Pimenta-do-reino, antigamente a da Indonésia na Ásia, então entrou pra guerra, 2ª Guerra japonês brigou com os Estados Unidos, japonês invadiu Indonésia, e virou campo de guerra aí pimenta-do-reino estragou muito, e povo não podia trabalhar, aí, preço subiu muito. Depois da guerra voltou, mas para recuperar demorou muito, mas antes japonês passou lá e trouxe muda de pimenta-do-reino aí começou a plantar em Tomé-Açu [...].

Esta cultura que teve o seu *boom* entre os anos de 1950 e 1960 (KODAMA e SAKURAI, 2008, p. 26) começava a dar sinais de declínio. Um dos irmãos da família Adachi resolveu “pesquisar novos lugares” e sair do norte em direção ao nordeste. Chegando em Recife, encontrou um japonês de Tomé-Açu que o teria convencido “de que bom seria ficar na Paraíba”. E ele veio para a Paraíba e trouxe toda a família. A última a chegar foi a do Sr. Toshio Adachi. Na Paraíba eles trabalharam com hortaliças por algum tempo.

Outro re-imigrante da Paraíba foi Takeshi Morimistu. Em entrevista dada a autora em sua residência em contou ter imigrado para o Amazonas na década de 1950 junto com o irmão Katsuta Morimitsu. O sr. Takeshi Morimitsu contou que o irmão: “Katsuta fora prisioneiro da guerra na Rússia e esteve para morrer por diversas vezes. Então estas coisas que sofreu aqui no Brasil, é mesmo que nada pra ele”. Eles trabalhavam com juta em Manaus-Amazonas. Em 1953, o Sr. Takeshi resolveu emigrar do Amazonas. Ele iria para São Paulo, mas achou que “São Paulo estava tudo feito” e veio para o Nordeste. Ficou em Pernambuco algum tempo. Sempre naquela idéia de que os “fazendeiros queriam japoneses para trabalhar na terra”, conseguiu emprego em São Miguel de Taipu na Paraíba, na Fazenda Café do Vento. Mais tarde, se transferiu para João Pessoa, e introduziu os cultivos de acerola e mamão Hawai na Paraíba.

No ano de 1958, a INBRAPE, que tinha participação acionária da empresa japonesa Nippon Reizo Kabushi Kaicha (hoje Nichirei Corporation), adquiriu a Companhia de Pesca



do Norte do Brasil (COPESBRA)<sup>16</sup> e iniciou a pesca da baleia em Costinha no município de Lucena-PB, começando outro tipo de migração da Paraíba, a imigração direta do Japão de pessoas especializadas na pesca da baleia.

Como foi visto a imigração de japoneses para Paraíba foi bem incipiente em relação a outras áreas no Brasil. Foram imigrações voltadas, no início, para a agricultura e depois ocasionadas pela pesca da baleia. Sobre aquelas cinco famílias que vieram em 1938, ensaiaria dizer que a guerra e o confinamento dos imigrantes japoneses vieram atrapalhar o processo de instalação e de formação de uma colônia agrícola, não havendo tempo suficiente para se estabelecer uma rede de produção. A pesquisa permitiu que fossem identificadas as famílias e os nomes dos seus chefes, totalizando 27 colonos e que, segundo as informações obtidas, seriam todos agricultores. Infelizmente não foi possível se conseguir maiores informações sobre este grupo “pioneiro”. A história deles quase foi apagada pelo tempo. Ficou na memória de alguns como uma tentativa da Paraíba de ter uma colônia japonesa de agricultores que, infelizmente, não foi bem sucedida.

Ao finalizar este artigo posso dizer que muito ainda há para se pesquisar sobre a presença dos imigrantes japoneses em terras paraibanas. Para este trabalho foram de fundamental importância as fontes orais conseguidas. A documentação consultada indica outros rastros a serem seguidos e recortes cronológicos diferentes ao que me propus a trabalhar, espero ter oferecido ao leitor uma pequena contribuição acerca de uma história que foi quase apagada pela memória dos imigrantes e pelo pouco interesse dos pesquisadores em escrevê-la.

## Notas

---

1. Obtive esta informação por meio de uma palestra proferida por seu filho, o médico Ítalo Kumamoto, realizada na 2ª Feira da Associação Cultural Brasil Japão da Paraíba (ACBJPB) em 2006 e, também, indicada no sítio eletrônico desta Associação.
2. Relatório da Diretoria de Fomento e Produção do Estado da Paraíba, datado de 12/01/1940, apresentado pelo Diretor João Henriques ao Interventor do Estado, Arquivo Histórico da FUNESC, Cx 31, 1940.
3. INSTALADO um Núcleo de Colonos Japoneses na “Fazenda São Rafael”. *Jornal A União*. João Pessoa, 30 set. 1938. *Cad. A União Agrícola*, p. 1 e 7.
4. A CULTURA Científica de Hortaliças na “Fazenda São Rafael”. *Jornal A União*, João Pessoa, 29 set. 1938. 1º Cad., p.1.
5. BRITO, Gratuliano de, Relatório das atividades do Governo da Paraíba ao Presidente da República Getúlio Vargas, 1934, p. 86.
6. HENRIQUES, João. Relatório da Diretoria de Fomento e Produção do Estado da Paraíba, 12 jan. 1940. Arquivo Histórico/FUNESC, Cx 33, 1940, 30 p. (Incompleto).
7. INSTALADO um Núcleo de Colonos Japoneses na “Fazenda São Rafael”. *Jornal A União*. João Pessoa, 30 set. 1938. *Cad. A União Agrícola*, p. 1 e 7.

- 
8. MONTENEGRO, Lauro. Hortas e Japoneses. *Jornal A União*. João Pessoa, 10 abr.1938. Cad. A União Agrícola, p.1.
  9. Idem, ibdem.
  10. OS JAPONESES estão vendendo hortaliças no mercado de Tambiá”. *Jornal A União*. João Pessoa, 11 dez. 1938. Cad. A União Agrícola, p.3.
  11. TRANSFERIDOS para Camaratuba os Colonos Japoneses da Granja São Rafael. *A União*. João Pessoa, 13 mar. 1942. Cad. A União Agrícola, p.3.
  12. Abaixo assinado pelos japoneses ao Interventor da Paraíba Ruy Carneiro. *Arquivo Histórico da FUNESC*. João Pessoa, 30 abr. 1942, Cx. 33.
  13. Os nomes das famílias escritos entre parênteses correspondem à grafia do *Jornal A União*, enquanto as anteriores são do abaixo assinado lido/interpretado pelo Sr.Toshio Adachi.
  14. NAKANO, Francisco Hidemi dirigida ao Interventor da Paraíba José Américo. Fundação José Américo. João Pessoa, Sem data. Cx. 03.
  15. Como o pai tinha 57 anos não foi considerado como chefe de família, e sim o Sr. Toshio Adachi, um dos filhos casado.
  
  16. KISHIWADA, Hitoshi. A pesca da Baleia no Brasil. Folheto informativo. Sem data.  
Referências Bibliográficas
  1. ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.).*Fontes Históricas*. 2ª Ed. – São Paulo: Contexto, 2006, p. 155-202.
  2. BENJAMIN, Walter. O Narrador. In:\_\_\_\_\_.Os Pensadores. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1980.
  3. BRASIL Japão 70 anos de cooperação. Seleção dos melhores trabalhos do Concurso JETRO (Japan Trade Center) de ensaios Brasil/Japão. São Paulo, 1978.
  4. COMISSÃO de Elaboração da História dos 80 anos da imigração japonesa no Brasil. *Uma Epopéia Moderna: 80 anos da imigração Japonesa no Brasil*. São Paulo, Editora Hucitec, 1992.
  5. KIMURA, Rosângela. *Políticas Restritivas aos Japoneses no Estado do Paraná 1930-1950* (de cores proibidas ao perigo amarelo). *Diálogos*, DHI/PPH/UEM, v. 10, n2 p. 199-202, 2006
  6. KODAMA, Kaori e SAKURAI, Célia, Episódios da Imigração, um balanço de 100 anos (p.17-29). In: *Resistência & Integração: 100 anos de imigração japonesa no Brasil/ IBGE*. SAKURAI, Célia e COELHO, Magda Prates, (Org.). Centro de Documentação e Disseminação de Informações. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.
  7. LAVIERI, João Roberto e LAVIERI, Maria Beatriz Ferriera, Evolução Urbana de João Pessoa Pós-60. (p.39-64). In: *A Questão Urbana na Paraíba*. GONÇALVES, Regina Célia (Org.). João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 1999.
  8. LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade do Brasil*. Trad. Patrícia de Q. C. Zimbres. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
  9. OKUBARO, Jorge J. *O Súdito* (Banzai, Massateru!). 2. ed. São Paulo: Terceiro Nome, 2008.
  10. OHNO, Massao. *Centenário da Imigração Japonesa no Brasil. 1908-2008*. [Fotógrafo Matheus Faccio]. São Paulo: Larouse do Brasil, 2008.
  11. SHINDO, Tsuguio. *Brasil e Japão – Os 100 anos de Tratado de Amizade*. Trad., Julia H. Sasaki e Olívia T.O. Makibara, São Paulo: Geográfica, 1999.